



**O COMMUNICATION CAFÉ DISCUTE: O DESENVOLVIMENTO DA
HABILIDADE DE CONVERSAÇÃO EM INGLÊS**

***THE COMMUNICATION COFFEE DISCUTE: THE DEVELOPMENT OF THE
CONVERSATION SKILL IN ENGLISH***

Ana Ketilly Manhães Magalhães¹

Clarissa Costa e Silva²

Fernando Gonçalves de Souza Neto³

Lucas Viana Alencar⁴

Victor Moreira Rocha Brandão⁵

Resumo: Este artigo objetiva apresentar e discutir a importância e formas de desenvolver a habilidade de expressão oral em língua inglesa. A abordagem metodológica qualitativa da pesquisa narrativa fundamenta este estudo e permite que façamos reflexões importantes, através de narrativas e reflexões tecidas por participantes e monitores do projeto de extensão *Communication Café*. Este projeto de extensão surgiu em 2014 na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/Campus Vitória da Conquista e, desde então, tem procurado criar oportunidades para que a comunidade acadêmica desenvolva e pratique a habilidade de conversação em inglês em seus encontros semanais. A habilidade de se expressar oralmente em uma língua estrangeira ainda não ocupa um espaço central em muitas instituições de ensino. No Brasil, tanto no âmbito da educação básica como no ensino superior, as habilidades de conversação em língua inglesa, por exemplo, são muitas vezes deixadas de lado ou recebem pouca atenção no currículo de muitas instituições. Entretanto, entendemos que esta habilidade, que permite que interações e trocas de conhecimento e experiências ocorram entre as pessoas, deva receber atenção especial, uma vez que podem capacitar os cidadãos para agirem no mundo

¹ Graduanda em Letras Modernas, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); bolsista no Projeto de Extensão Communication Café. E-mail: anaketilly@hotmail.com

² Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Professora Assistente de Língua Inglesa, DELL/UESB e coordenadora do Projeto de Extensão Communication Café. E-mail: clarissaces@hotmail.com

³ Graduando em Letras Modernas, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); bolsista no Projeto de Extensão Communication Café. E-mail: fernando.jandiroba@hotmail.com

⁴ Graduando em Letras Modernas, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); bolsista no Projeto de Extensão Communication Café. E-mail: lucasvianaalencar@gmail.com

⁵ Graduando em Ciência da Computação, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); participante do Projeto de Extensão Communication Café. E-mail: victor.brandao88@gmail.com

de forma ativa e crítica (FREIRE, 1997; CRYSTAL, 2002). Portanto, este estudo apresenta, dentre seus resultados, uma reflexão relevante sobre a importância da conversação em inglês em ambientes de ensino no Brasil. Ainda, apresenta algumas formas que temos disponíveis para praticarmos as habilidades comunicativas na língua inglesa. Este estudo poderá interessar alunos, professores, pesquisadores e curiosos sobre os rumos dos estudos sobre ensino-aprendizagem de inglês e seus desdobramentos.

Palavras-chave: *Communication Café. Conversação. Inglês. Aprendizagem.*

Abstract: *This article aims at presenting and discussing the importance and ways to developing students' English language speaking skills, supported by the narratives and reflections drawn by participants and monitors of an academic program, named Communication Café. This academic project was founded in 2014 at Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) and, since then, it has sought to create opportunities so that the academic community develops and practices English conversation skills during its weekly meetings. The ability of expressing oneself in a foreign language is yet not at the center of many institutions curriculum. In Brazil, from elementary to university level education, the development of English conversation skills, for instance, is often overlooked or set aside in the curriculum of many institutions. However, we understand that speaking, which is a skill that allows for interaction and the exchange of knowledge and experiences among people, should receive proper attention because it can certainly enable citizens to act actively and critically in the world (FREIRE, 1997; CRYSTAL, 2000). Thus, this study seeks to unfold a relevant discussion around the importance of English conversation practice in the education settings in Brazil and, also, this study will present some ideas of what is now available to help the practice of this foreign language. This paper may interest students, teachers, researchers and curious people that wish to know some more about the intricacies of English language teaching and learning.*

Keywords: *Communication Café. Conversation. English. Learning.*

Introdução

Este artigo aborda uma questão relacionada ao processo de ensino-aprendizagem de inglês bastante relevante no contexto que vivemos, em que este idioma ocupa um lugar central no mundo capitalista e de poder (BAKHTIN, 1999; CRYSTAL, 2002), qual seja, formas de praticarmos e desenvolvermos a habilidade de conversação na língua inglesa. Afinal, tendo em vista a importância de sabermos nos comunicar em inglês para podermos agir no mundo, como podemos potencializar a aprendizagem das habilidades comunicativas? Por que precisamos adquirir essa capacidade de expressão oral na língua inglesa? Quais meios e

instrumentos poderiam ajudar o aprendiz a falar inglês? O que temos disponíveis e ao nosso alcance para permitir que pratiquemos a língua inglesa quando não estamos na escola? Estas são algumas questões norteadoras deste estudo e que serão abordadas aqui, a fim de problematizarmos o fato da habilidade de conversação em inglês ainda não ser muito presente em nossos currículos. Também, discutiremos essas questões a fim de abriremos portas para pensarmos em formas de praticar a comunicação autêntica em língua inglesa, que capacite aprendizes autônomos e ativos. Dito isto, apresentamos o objetivo geral deste estudo: Apresentar e discutir criticamente a importância da conversação em língua inglesa e apresentar formas de potencializarmos essa prática, sob a ótica de aprendizes e monitores do projeto de extensão *Communication Café*.

Este estudo se justifica, dentre outras razões, pela necessidade urgente de pensarmos e discutirmos cada vez mais sobre como a língua inglesa é um meio de propiciar que as pessoas se posicionem no mundo globalizado na busca do bem comum. Afinal, somente através da possibilidade de diálogo com o próximo que, no mundo globalizado, é realizado em inglês nos vários meios comunicativos, poderemos ter a chance de discutir questões importantes e traçarmos o nosso futuro. Sabemos que, historicamente, a língua inglesa ocupa lugar de destaque. Conforme Raffestin:

O imperialismo do inglês é um seguro meio de poder em vários níveis. Ha muito tempo as multinacionais vêm privilegiando o inglês em suas relações com as sucursais e entre elas. É sem dúvida uma necessidade, mas também um meio de fazer passar, dessa maneira, todo um conjunto de informações que modelam, que estruturam os espíritos e as coletividades. O imperialismo da cultura anglo-saxônica é, antes de tudo, um imperialismo da língua inglesa, como foi o caso do francês. (RAFFESTIN, 1993, p. 117)

O imperialismo da língua inglesa é algo que não pode ser ignorado em nossa sociedade. Classificada como língua franca, dos negócios ou internacional, a língua inglesa rege muitas relações sociais importantes. Tendo em vista o uso e impactos que este imperialismo da língua inglesa impõe sobre nossa sociedade, conforme destaca a citação acima, faz-se necessário que pensemos sobre como permitir que as pessoas tenham acesso a essa língua, e possam utilizá-la como ferramenta de participação e interferência na sociedade. A seguir, algumas questões teóricas relevantes para a discussão proposta neste artigo.

Discussão Teórica

Nesta sessão, iremos abordar aspectos importantes ligados às discussões sobre o status e importância de ensino e aprendizagem do inglês como língua estrangeira. Afinal, o que se entende sobre a habilidade de conversação em inglês no âmbito do contexto que vivemos é uma questão que precisa ser cada vez mais discutida e explorada. Também, faz-se necessário que discutamos sobre seu status de língua franca, que hoje domina muitos círculos de negócios e discussões mundiais importantes. A seguir, a apresentação destes aspectos.

O que é a Habilidade de Conversação?

Partindo da compreensão de língua como parte de nossa constituição identitária (KAMARAVADIVELU, 1999; KLEIMAN, 2001; MOITA LOPES, 1999), podemos pensar a habilidade de conversação sob a perspectiva da sociolinguística. Portanto, esta habilidade está intimamente ligada a como vivemos, nos percebemos e interagimos com o outro em um determinado contexto. A complexidade deste cenário social constitui, portanto, parte do que implica a habilidade de conversação.

Deste modo, a habilidade de conversação é constituída por nós, por quem somos, de onde falamos, com quem falamos, quando falamos, nossas intenções e desejos, o contexto social, político, econômico e cultural que nos cerca. Todo esse emaranhado de fatores constitui o ato comunicativo e este é, por sua vez, constituído por ele. Nós, enquanto indivíduos sociais, estabelecemos uma relação, ao nos comunicarmos com alguém e, por meio desta, tentamos nos posicionar no mundo.

Tendo em vista esta complexidade envolvida no ato de conversar com alguém, entendemos ser relevante pensarmos sobre essa habilidade neste estudo. Falar com alguém exige uma série de transações, que extrapolam a troca entre interlocutores e, portanto, exige atenção e cuidado. A seguir, discutimos brevemente sobre a denominação de inglês como língua franca.

O Inglês como Língua Franca

Segundo Crystal (2002), a língua inglesa não é apenas a língua mais falada e estudada no mundo, mas também a língua dos negócios e das relações internacionais. Portanto, o termo língua franca já ser usado internacionalmente. Vemos a língua inglesa imperar em conferências mundiais, encontros de líderes dos vários países, revistas científicas e na linguagem de programação de computadores. Por conta de fatores histórico-sociais, a língua inglesa se estabeleceu como a língua dominante e, portanto, domina as relações sociais de nossa sociedade. Uma vez que a língua inglesa ganhou tal status, também ganhou uma projeção enorme; e todos que a utilizam também ganharam poder sobre essa língua. Vejamos o que Crystal nos diz sobre isso:

Language is an immensely democratising institution. To have learned a language is immediately to have rights in it. You may add to it, modify it, play with it, create in it, ignore bits of it, as you will. And it is just as likely that the future course of English is going to be influenced by those who speak it as a second or foreign language as by those who speak it as a mother-tongue. Fashions count, in language, as anywhere else. And fashions are a function of numbers. (CRYSTAL, 2000, p. 6)

A linguagem é uma instituição imensamente democrática. Ter aprendido uma língua implica imediatamente ter direitos sobre ela. Você poderá adicionar algo a ela, modifica-la, brincar com ela, criar com ela, ignorar partes dela, ou como você desejar. E é bem provável que o curso da língua inglesa será influenciado por aqueles que a utilizam como segunda língua, ou língua estrangeira ou por aqueles que a tem como língua materna. As tendências contam, na linguagem, como em qualquer outro aspecto. E as tendências são registradas por números. (CRYSTAL, 2000, p. 6. Tradução nossa)

Deste modo, podemos compreender como a língua inglesa é delineada a partir dos seus falantes, sejam estes nativos ou não. Além disso, podemos refletir sobre a importância de estarmos atentos às formas ou às mudanças que esta língua poderá sofrer, uma vez que também podemos ser sujeitos ativos desta transformação; e não apenas assisti-las acontecer ao nosso redor. Temos que pensar que, ao usarmos uma língua, além de nos fazermos comunicar com o outro, também nos posicionamos no mundo e, assim, podemos agir de forma ativa e crítica.

Deste modo, caso nos situemos a margem do poderio da língua inglesa e de suas transformações, também, estaremos à margem das decisões de nossa sociedade e, certamente, pouco poderemos decidir sobre os rumos desta sociedade. Segundo Bakhtin (1999), o domínio de uma língua pode exercer um controle sobre nós e, conseqüentemente, impõe poder sobre a

sociedade dominada.

Tendo em vista a perspectiva de aprendizagem de uma língua estrangeira, em especial da língua inglesa, como uma forma instrumentalizar os cidadãos a interferirem nas diversas relações sociais que estabelecemos, faz-se importante que reflitamos sobre essas relações de poder. Segundo Freire (1997), os cidadãos só poderão exercer seus direitos e deveres tendo acesso pleno a uma boa educação; a uma educação que os torne autônomos para agirem no mundo. A seguir, alguns aspectos metodológicos deste estudo.

Aspectos Metodológicos

Nesta sessão, apresentamos sobre a natureza e procedimentos para a realização deste estudo. Ainda, falamos um pouco mais sobre o projeto de extensão *Communication Café*, a fim de explicitarmos o contexto do qual emerge este estudo.

a) A natureza e procedimentos deste estudo

Este estudo é de natureza qualitativa e apresenta uma discussão crítica sobre uma questão importante no processo de aprendizagem de inglês: o desenvolvimento da habilidade de conversação nesta língua. Para a realização deste estudo, estabelecemos uma questão investigativa, a saber: qual a importância da conversação em inglês no ensino e quais formas temos para desenvolver esta habilidade.

A partir desta questão, quatro alunos da graduação da UESB, coautores deste artigo, teceram suas considerações, a partir da escrita de diários reflexivos críticos. Os resultados que serão apresentados na sessão seguinte, portanto, advêm de uma leitura subjetiva e de caráter qualitativo, realizada pelos alunos. A partir da utilização dos diários reflexivos, foi possível fazer recortes importantes sobre o tema de interesse deste estudo. Importante informar que dos quatro alunos coautores deste trabalho, três graduandos são monitores (dois bolsistas e um voluntário) dos encontros do *Communication Café* e estão matriculados no curso de Letras Modernas; e um graduando é participante ativo dos encontros do projeto e está matriculado no curso de Ciência da Computação.

b) Sobre o *Communication Café*

O *Communication Café* se caracteriza como um espaço de conversação no *campus* de Vitória da Conquista, na UESB, onde realizamos encontros semanais a fim de criar oportunidades para que a comunidade acadêmica pratique a língua inglesa por meio de um

bate-papo. Os encontros são gratuitos e abertos para pessoas com qualquer nível de fluência na língua inglesa. O projeto visa, por meio de um ambiente de comunicação autêntico, que a prática da conversação em inglês aconteça a partir da colaboração de todos os participantes.

Além dos encontros semanais do *Communication Café*, os quatro alunos da graduação, que são coautores deste estudo, também fazem parte de encontros teórico-reflexivos sobre o que implica o processo comunicativo em língua inglesa. Dentre algumas das questões que discutimos, decidimos expor neste estudo nossas conclusões sobre a importância de desenvolvimento da habilidade conversacional. A seguir, o resultado das reflexões tecidas.

Discussão

Nesta sessão, discutimos a questão investigativa deste estudo: a importância da prática de conversação em inglês e como desenvolvê-la. A partir da ótica de quatro alunos de graduação, apresentamos possibilidades sobre como podemos potencializar a prática da conversação em inglês, a fim de integrar as pessoas ao mundo globalizado em que vivemos. Entendemos que discutir tal questão é muito relevante e, sobretudo, urgente, tendo em vista a necessidade de que integremos as pessoas nos vários meios em que o inglês é utilizado hoje, de modo a possibilitá-las agir no mundo. A seguir, apresentamos as reflexões de cada aluno, coautor e colaborador do projeto de extensão *Communication Café*.

a) Ana Discute: Transferência entre Línguas e Ideias para Conversação na Sala de Aula

Fazemos parte de uma época em que a língua inglesa é considerada universal ou franca devido a influência que os países desenvolvidos tem sobre a economia, a política e a sociedade, conforme apontamos no início deste artigo. O status do inglês fez com que o conhecimento desta língua no *curriculum vitae* se tornasse um acessório de ouro, muitas vezes classificado como indispensável nas várias esferas sociais. Deixando sua validade exacerbada de lado, a língua inglesa é verdadeiramente uma ferramenta importante e, por ser ‘universalizada’, abre portas para as pessoas agirem no mundo globalizado. Isso talvez explique o alto número de pessoas que procuram cursos de inglês todos os anos.

Um dos desafios mais comuns que os brasileiros enfrentam ao estudar inglês é associar a pronúncia com a escrita. Os falantes de português brasileiro, no início do processo de aprendizagem da língua inglesa, rotulam o alfabeto de ambos os idiomas como idênticos.

Como representação gráfica do sistema linguístico, tal conclusão faz sentido: a grafia das letras do alfabeto é, no fim das contas, idêntica. Usamos os mesmos pingos nos “is” e os mesmos cortes nos “ts” e, talvez por isso, tentamos, a princípio, aplicar o sistema da língua que já conhecemos ao aprender outra. A compreensão das diferenças entre as línguas, posteriormente, se dá ao aprendermos que a materialização dos sons do inglês não segue as mesmas regras usadas no português. Essa prática dos aprendizes tentarem relacionar sua língua materna à língua estrangeira é chamada de transferência (ou “*transfer*”, em inglês). Segundo a literatura sobre este tema, há transferências positivas e negativas. Sobre estes tipos, Yan nos diz o seguinte:

Many studies have yielded findings of negative transfer at various levels of language such as phonological, syntactic, and discourse levels. [...] Contrary to the findings of negative L1 influences on L2 learning, studies have found positive L1 transfer in different aspects, which include the transfer of reading and writing skills, strategies and concepts. These studies show that positive transfer usually takes place at the deep and cognitive levels. (YAN, 2010, p.4. In: Canadian Social Science)

Muitos estudos apontam resultados sobre a transferência negativa em vários níveis da língua, tais como, fonológicos, sintáticos, e nos níveis do discurso. [...]

Em contraposição aos resultados que apontam o aspecto negativo da transferência para uma segunda língua, estudos salientam aspectos positivos da transferência da língua materna para a estrangeira em diferentes aspectos, por exemplo, nos aspectos ligados as habilidades de leitura e escrita, estratégias e conceitos. Estes estudos apontam que a transferência positiva geralmente acontece em níveis cognitivos profundos. (YAN, 2010, p. 4. Tradução nossa)

Conforme discutimos, é realmente muito difícil, pelo menos nos estágios iniciais de aprendizagem da língua inglesa, nos desvencilharmos da tentativa constante de comparar nossa língua materna à estrangeira. Sabemos que somente haverá uma mudança neste hábito a partir do entendimento do estudante que o idioma estrangeiro faz parte de uma cultura diferente da nossa e que isso exige um novo conjunto de regras linguísticas para ser empreendido.

No geral, podemos apontar quatro grandes categorias envolvidas na aprendizagem de um idioma: Escrita, Leitura, Escuta e Fala, que são inter-relacionadas, ou seja, impossível trabalhar uma sem considerar a outra. Nos espaços destinados à aprendizagem de inglês (escolas, cursos de idiomas, projetos sociais, etc.), cada um tem seu próprio método pedagógico, fazendo com que alguma categoria se sobressaia. Mas, qualquer estágio de fluência que um estudante queira alcançar se resume em uma palavra: prática. Treinar o

conhecimento de inglês pode ser tão simples quanto listar os móveis da casa, os cômodos, os objetos, procurar textos em inglês na internet, assistir vídeos, usar o dicionário. Não é necessário atividades complexas, contudo, dedicação.

O desenvolvimento da habilidade de se comunicar oralmente em inglês é, infelizmente, o que o estudante de escolas regulares mais têm dificuldades, uma vez que nossas escolas raramente priorizam a conversação nos currículos de forma efetiva. Mas, com a disponibilidade de materiais na internet, além dos espaços físicos que contribuem para a prática do inglês, podemos preencher essa lacuna. Ressaltamos que é muito importante encontrar alternativas, seja por meio de diálogos presenciais ou on line. Claro que com esta discussão que tecemos, não queremos frisar que a habilidade de se comunicar em inglês seja mais importante do que as outras. Entretanto, somos seres sociais e comunicativos e a habilidade comunicativa é essencial para navegarmos nas diversas esferas da sociedade.

O projeto de extensão *Communication Café* é um espaço destinado especificamente para conversação em inglês. O formato dos encontros pode ser resumido em duas partes: vocabulário e discussão sobre um tema previamente selecionado, priorizando a participação dos frequentadores. Os participantes têm diferentes níveis de fluência entre si, e a aprendizagem colaborativa entre eles aponta que o projeto gera resultados. Podemos afirmar, portanto, que esta fórmula pode ser facilmente adaptada para salas de aulas, feitas algumas modificações, já que os professores geralmente lidam com turmas muito cheias, mas com grupos que tem uma compreensão média do inglês. Pensamos que seria interessante se os educadores anotassem os interesses dos alunos durante as aulas e, posteriormente, pudessem usar tal informação como possíveis ideias de temas a serem trabalhados, a fim de estimular os alunos a participarem da conversação em inglês. A seguir, continuamos a apresentação de nossas reflexões sobre a importância da prática do inglês e como fazê-la.

b) Fernando Discute: o Uso de Temas de Interesse Coletivo no Incentivo da Comunicação em Língua Inglesa

Para que um indivíduo tenha domínio do inglês, há quatro competências que ele precisa desenvolver: *speaking, listening, writing e reading* (falar, ouvir, escrever e ler). De acordo com Ahmadi e Leong (2017), dentre as quatro competências necessárias para a aprendizagem da língua estrangeira, o "speaking" representa maior dificuldade. Ser capaz de manter uma boa conversa em inglês, entendendo o que lhe é dito e respondendo de forma satisfatória, pode ser uma tarefa difícil por conta de muitos fatores. Dentre eles, a insegurança

e a ansiedade para falar em inglês (geralmente pela falta de prática), além da falta de motivação e o desinteresse em praticar a conversação; estes fatores podem ser responsáveis por dificultar a aprendizagem do estudante de língua inglesa.

Tendo em vista todos esses fatores que podem comprometer o desenvolvimento das habilidades de expressão oral em inglês, principalmente nos estudantes iniciantes, temos nas preferências e motivações pessoais de cada aprendiz a chave para incentivá-lo a gostar do inglês e, principalmente, a vontade de praticar e se aperfeiçoar cada vez mais. Segundo Durante e Tabile:

O grande desafio da atualidade é averiguar as razões da ausência da motivação do aluno para aprendizagem e buscar estratégias eficazes que ajudem a reverter esse quadro. Para motivar os alunos, é imprescindível analisar as formas de pensar e aprender para desenvolver estratégias de ensino que partam das suas condições reais, devendo ir além do cognitivo e avaliar a afetividade. (DURANTE; TABILE, 2017. p. 81)

Partindo dessa visão, ao buscarmos formas de praticar o inglês, devemos considerar tudo aquilo que possa interessar aos aprendizes. No projeto de extensão *Communication Café*, por exemplo, buscamos trabalhar temáticas voltadas ao interesse da comunidade acadêmica da UESB. Buscamos explorar um leque de assuntos, tais como, assuntos corriqueiros, como a cultura pop (filmes, séries, animações), ou algo relacionado aos sonhos particulares e às opiniões pessoais e profissionais sobre assuntos midiáticos (questões sobre o meio ambiente, por exemplo); estabelecendo uma contraposição entre os países que tem o inglês como língua oficial e nossa realidade brasileira.

O objetivo de iniciarmos a conversação a partir destes temas é motivar os participantes a compartilharem suas experiências, conhecimentos e opiniões acerca de um assunto de interesse comum. Percebemos que, a partir desta prática, os participantes tendem a não sofrer tanto com a insegurança e a inibição, principalmente os mais iniciantes. Vemos que, ao se sentirem confortáveis nesse ambiente, fazem questão de expor seus posicionamentos, independente dos erros e dificuldades enfrentadas. Ou seja, as primeiras barreiras para a prática do *speaking* podem ser vencidas quando criamos oportunidades para que os aprendizes também sejam agentes ativos de seus processos de aprendizagem.

Outra questão que nos chama a atenção nos encontros do projeto é que, ao darmos espaços e voz aos participantes, fica perceptível a perda parcial da imagem tradicional do professor e do aluno — a concepção hierarquizada de ensino — na qual é o docente que detém o conhecimento absoluto em sala de aula e dos discentes que devem apenas aceitar e se

submeter às regras. Também, percebemos uma perda significativa nas inibições para falar inglês. A partir do momento em que os participantes são convidados a conversar, percebemos que estes desenvolvem uma vontade progressiva de partilhar o conhecimento internalizado. Segundo Barbosa e Canalli (2011), sobre a relação entre professor e alunos, temos nesta uma “via de mão dupla”, tanto professor como aluno podem ensinar e aprender através de suas experiências.

Por fim, gostaríamos de frisar que as dificuldades enfrentadas pelos estudantes de inglês na hora de se comunicar podem ser superadas por meio do incentivo da prática oral, a partir da seleção de temas que sejam de interesse pessoal e social. Ademais, a descaracterização da imagem da sala de aula tradicional, pode permitir que os participantes não se sintam pressionados pela imagem do(a) professor(a), mas o enxerguem como mais um componente do grupo de conversa ou bate-papo. Afinal de contas, o processo de ensino-aprendizagem requer que consideremos o que os estudantes precisam *needs* aprender, mas também o que gostam *likes*; a fim de que possamos motivá-los ainda mais em suas experiências comunicativo-interativas na língua inglesa. A seguir, continuamos as discussões.

c) Lucas Discute: os Desafios e Possibilidades que a Língua Inglesa impõe no Século XXI

Em pleno século XXI, é praticamente impossível não termos contato com o mundo globalizado. Isso ocorre porque os avanços tecnológicos e os aperfeiçoamentos de diversas ferramentas comunicativas possibilitaram a comunicação com o mundo. Assim, temos acesso à informação de maneira fácil e rápida, o que nos coloca em uma posição de vantagem em relação às décadas passadas. Diante disso, não podemos negar a importância e o poder da língua inglesa nesse processo.

Para que o indivíduo do século XXI tenha a oportunidade de usufruir da melhor maneira o grande número de informações, conhecimento, entretenimento disponíveis, e tenha voz na sociedade globalizada, é de importante que tenha em suas mãos uma habilidade que o possibilitará o acesso a tudo isso de forma mais fácil: a língua inglesa. Hoje, a língua inglesa deixou de ser artigo de luxo e transformou-se em algo necessário e essencial para o novo mercado que surgiu durante as últimas décadas.

Tendo em vista o poder do inglês (BAHKTIN, 1999), há uma grande procura por parte do brasileiro em aprender esta língua, seja por motivos profissionais, como uma possível promoção no trabalho, ou por motivos pessoais, como viagens internacionais. Contudo, é

necessário avaliar como as escolas estão trabalhando o idioma estrangeiro, uma vez que, segundo os dados da edição 2017, do Índice de proficiência em Inglês (EPI) (disponível em: <https://www.ef.com.br/epi/>), o Brasil possui nível de proficiência baixo. Se olharmos para este dado, fica mais do que evidente que algo precisa ser feito para que essa realidade mude em nossa sociedade.

Como ponto positivo, podemos destacar que o inglês faz parte do currículo escolar da maioria das escolas públicas e privadas do país. A língua inglesa, dessa forma, faz parte da formação do aluno durante o tempo da sua formação básica. Porém, a maneira pela qual o idioma é trabalhado parece desestimular aluno e professor. Temos, em muitas escolas, o predomínio de um ensino centralizado na exploração dos aspectos gramaticais do inglês. Assim, aspectos culturais e habilidades como *speaking* (de fala) são ignorados pela escola, bem como pelo governo. Isso tudo acarreta no baixo nível do processo de aprendizagem do segundo idioma. Ainda, temos que relatar outros fatores que influenciam a precariedade do ensino de línguas no país, dentre eles: remuneração baixa do(a) professor(a), grande número de turmas e alunos por turma. Estes, também, são fatores determinantes da qualidade e da atual situação do ensino de inglês no país.

Tendo em vista essas dificuldades, o trabalho com as habilidades de *listening* (escuta), *reading* (leitura), *writing* (escrita) e, principalmente, o *speaking* (fala) é deixado de lado ou ocupa pouco espaço. Logo, são formados, no Brasil, alunos com baixo nível de proficiência na língua inglesa. O resultado de tal ensino deficitário acarreta uma série de consequências para o estudante brasileiro, dentre estas, o fato de este cidadão não ter acesso a muitas informações e oportunidades, que apenas com o conhecimento do idioma, que é língua franca no mundo, permite. Além disso, este cidadão não está apto para interferir ou agir de maneira direta nas decisões que são tomadas ou discutidas mundialmente, visto que, somente através do conhecimento, podemos mudar ou buscar mudar uma realidade injusta (FREIRE, 1997).

Diante destas reflexões, podemos dizer que para mudarmos esse índice que aponta a baixa proficiência do brasileiro na língua inglesa, é preciso que pensemos o ensino desta língua em nosso país. Sobretudo, é preciso que a sociedade e o governo tomem uma posição crítica em relação a esses problemas; e vejam que, somente através da instrumentalização de seus cidadãos, poderemos avançar e construir um país justo e igualitário. Portanto, investir e valorizar o professor de idiomas com melhores salários e condições de trabalho deveria ser o primeiro passo. Assim, professores motivados terão mais possibilidades e estratégias para

trabalhar da melhor forma o inglês em sala de aula, e instrumentalizar seus alunos para agirem no mundo globalizado em que vivem. A seguir, damos continuidade as nossas discussões.

d) Victor Discute: Tecnologia e Aprendizagem da Língua Inglesa

Na contemporaneidade, a habilidade de comunicação em inglês se torna cada vez mais necessária e a tecnologia pode nos auxiliar. Estamos constantemente cercados por todos os tipos de tecnologias; das mais simples as mais avançadas. No campo da Ciência da Computação, por exemplo, a tecnologia e a prática do inglês são interligadas. A maioria dos códigos que escrevemos e dos softwares que usamos estão em inglês, o que torna o conhecimento da língua fundamental para uma boa compreensão e desenvolvimento de novas tecnologias.

Porém, notamos que apesar da importância da língua inglesa na atualidade, muitos ainda resistem em aprender ou possuem muita dificuldade. Contudo, aprender novas línguas está cada vez mais simples, pois existem diversos métodos para estudar e praticar, desde aplicativos no celular (por exemplo, o Duolingo) a chamadas de vídeo com professores qualificados. Apesar de tantas facilidades, fazer uso das tecnologias disponíveis pode ser tedioso ou desinteressante para algumas pessoas, caso não saibam exatamente como ou por onde iniciar a busca por ferramentas on line. Entretanto, é possível e necessário que tiremos proveito da quantidade e disponibilidade da tecnologia que possuímos hoje, a fim de tornarmos a prática do inglês interessante, independente da idade do aprendiz. Sobre a ligação entre tecnologia e aprendizagem de línguas, Martins e Moreira (2012) nos dizem o seguinte:

Tecnologia e ensino de línguas estrangeiras têm uma forte ligação (Franco, 2010; Menezes, 2009) e, de acordo com Levy e Hubbard (2005), a tecnologia tem desempenhado um papel inseparável e fundamental no desenvolvimento das línguas e em como elas são ensinadas e aprendidas. Além disso, a influência da tecnologia no ensino de línguas tem sido cada vez maior com o passar do tempo (Hubbard e Levy, 2006), e a sua importância para a área é atualmente fato reconhecido e respeitado (Butler-Pascoe, 2011). (MARTINS; MOREIRA, 2012, p. 2)

Deste modo, podemos compreender que já não é possível desvencilharmos aprendizagem de línguas e uso de ferramentas tecnológicas. A relação entre estas duas áreas é algo concreto e já é investigada e discutida nos estudos sobre CALL: Computer Assisted Language Learning (LEVY, 1997) (em português, CALL significa Aprendizagem de Línguas através do Computador). Apesar de ser uma área de estudo relativamente nova, esta já aponta para os vários aspectos positivos que a tecnologia oferece a aprendizagem de línguas, e

também para as dificuldades que podem ser encontradas nos contextos escolares quanto ao uso de tecnologia no ensino.

Partindo do pressuposto de que a prática de uma língua estrangeira é fundamental para que sejamos capazes de nos comunicar nesta língua, entendemos que o quanto antes uma pessoa iniciar esta prática, mais fácil o processo de aprendizagem será. Aprender inglês desde criança, por exemplo, poderá tornar o processo de aprendizagem mais efetivo. E, considerando todos os recursos tecnológicos que temos a nossa disposição, muitas deles gratuitos, faz sentido que os adultos incentivem as crianças. Já existem atualmente aplicativos voltados, especificamente, para ajudar crianças a aprenderem inglês, tais como o *Jumbled Sentences*, ou o *Up to Ten*. Além disso, é possível utilizar desenhos animados e livros infantis para tentar ensinar de um jeito divertido (disponíveis, gratuitamente, no *Google* ou *Youtube*). Entendemos que, ao aprenderem de uma maneira que os motive, é provável que as crianças consigam abstrair mais o conteúdo e, futuramente, continuem a ter interesse pela língua inglesa.

Com relação aos jovens e adultos, há também diversas maneiras de aprender inglês pela Internet. Com a tecnologia, temos diversos serviços de *streaming*, como *YouTube* e *Netflix*, ambos repletos dos mais diferentes tipos de conteúdo e em diversas línguas diferentes. Portanto, estes também podem ser uma fonte interessante para a aprendizagem e prática do inglês. Na plataforma do *YouTube*, por exemplo, é possível encontrar vídeos com todo tipo de conteúdo: *vlogs*, jogos, séries, *talks*, até tutorias dos mais diversos, como maquiagem e culinária. Já na plataforma *Netflix*, temos filmes, séries e animações dos mais variados gêneros, até mesmo shows de *stand-up* e programas de TV. Essas duas plataformas *on line* geram uma grande quantidade de possibilidades para a aprendizagem de inglês. Poderíamos, por exemplo, explorar determinadas cenas de filmes ou séries e buscar pelos significados a partir do contexto em que aparecem.

Além disso, ainda é possível usar meios como jogos e músicas para aprender inglês, a partir do estudo de letras e suas histórias. Nas redes sociais, *Facebook*; *Twitter*, *Instagram*, por exemplo, é possível interagir com pessoas de diversas nacionalidades e, deste modo, termos acesso às variantes da língua inglesa (CRYSTAL, 2000). Ainda, existem também diversos programas interativos para a prática de línguas (ex. *Tandem*) e fóruns *on line* (ex. *Reddit*), nos quais é possível abrir discussões sobre os mais diversos tópicos e, assim, construir uma aprendizagem colaborativa.

Com todas estas possibilidades que aqui elencamos, é importante apontar que, por termos inúmeras maneiras de aprender e praticar a língua inglesa on line, não significa que estas são as únicas maneiras de aprendermos inglês. Estas são, na verdade, auxílios que podem otimizar o processo de aprendizagem dos alunos. Com os avanços e atualizações dos recursos tecnológicos, temos que ter consciência das nossas possibilidades e, assim, complementarmos a formação que recebemos na escola.

Em resumo, com relação a todas as reflexões que aqui tecemos por meio de uma análise crítica de processo de aprender inglês e das experiências vivenciadas no *Communication Café*, podemos dizer que para aprendermos inglês, temos que praticar esta língua constantemente. E, o processo de interação na língua estrangeira deve ser orientado pelo princípio da colaboração, nas escolas e em ambientes on line de aprendizagem. A seguir, algumas considerações finais deste artigo.

Conclusão

Este artigo, que buscou refletir sobre a importância e as formas de promovermos a prática da conversação em inglês, aponta para a necessidade de discutirmos cada vez mais sobre esse tema. Tendo em vista o status da língua inglesa no mundo globalizado e o fato de ainda não termos um número significativo de falantes deste idioma no Brasil, temos uma situação bastante alarmante e que necessita de atenção de pesquisadores, estudiosos e professores de língua inglesa.

A língua inglesa é importante, permite que façamos e saibamos de muitas coisas que se passam ao nosso redor, cria oportunidades reais de nos expressarmos no mundo; nos oferece voz para agirmos ativa e criticamente nesta sociedade globalizada. Ainda, como apontamos neste estudo, há formas que podem facilitar que aprendizes tenham acesso a uma aprendizagem de qualidade e significativa da língua inglesa, dentre as quais: através da busca por ferramentas eletrônicas, que ofereçam ambientes de aprendizagem e prática comunicativa do idioma, ou através de participação em grupos ou aulas de conversação em inglês.

Apontamos, também, para a necessidade de nos atentarmos para o papel do professor e do aluno em construir juntos o ambiente de aprendizagem, e que isso poderia acontecer a partir da escolha de tópicos ou temas para conversação nas aulas que sejam interessantes para os aprendizes. Outra questão que discutimos apontou para a relevância de criarmos ambientes

de conversação em inglês que ajudem os aprendizes a lidar com fatores de ansiedade e inibição, apesar de todas as dificuldades que encontramos nos mais diversos contextos de ensino.

Entendemos que, em um estudo futuro, poderíamos discutir ainda mais as questões abordadas neste artigo. Também, que poderíamos explorar outros aspectos ligados à importância de pensarmos sobre como desenvolver as habilidades comunicativas no inglês, a partir da ótica de professores e alunos, e também sob a ótica de tecnólogos ou engenheiros de softwares, que buscam desenvolver programas que auxiliem a prática da língua inglesa.

Apesar de algumas limitações deste estudo, por exemplo, ter se concentrado em reflexões tecidas apenas a partir das discussões e atividades desenvolvidas no projeto de extensão *Communication Café*, esperamos que ele possa colaborar com as várias discussões traçadas sobre sua temática. Afinal, será necessário que falemos muito sobre a importância do inglês e sobre como nos tornarmos falantes proficientes deste idioma, se quisermos ocupar um lugar nas discussões e decisões mundiais sobre temas importantes, como economia, política, meio ambiente, etc. Que este estudo se some as várias vozes de outros estudos e, assim, possamos pensar sobre como desenvolvermos habilidades comunicativas que nos permitam agir no mundo.

Referências

AHMADI, S. M.; LEONG, Lai-Mei. An Analysis of factors influencing learners' English speaking skill. **International Journal of Research in English Education**, Irã, v. 2, n. 1, mar. 2017. Disponível em: <https://ijreeonline.com/article-1-38-en.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2018.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARBOSA, F. R. M.; CANALLI, M. P. Qual a importância da relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem? **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 16, n. 160, set. 2011.

CRYSTAL, D. **English as a global language**. Cambridge; New York, 2002.

CRYSTAL, D. The future of English as a world language: David Crystal debates the future of the English language. **Concord**, january 2000.

DURANTE, M. C. J; TABILE, A. F. Fatores influenciadores no processo de aprendizagem:

um estudo de caso. **Psicopedagogia** – Associação Brasileira de Psicopedagogia, v. 34, p. 75- 86, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a pratica educativa. São Paulo: Mãe e Terra, 1997.

KLEIMAN, A. B. A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional. In: SIGNORINI, I. (org.). **Linguagem e identidade**. 2. ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2001.

KUMARAVADIVELU, B. Critical classroom discourse analysis. **Tesol quarterly**, v. 33, n. 33, 1999.

LEVY, M. **Computer-assisted language learning**: context and conceptualization. Oxford: Clarendon Press, 1997.

MARTINS, C. B. M. J.; MOREIRA, H. O campo CALL (computer assisted language learning): definições, escopo e abrangência. **Calidoscópico**, Unisinos, v. 10, n. 3, p. 247-255, 2012.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**. A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

MOITA LOPES, L. P. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Discurso de identidades**. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Trad. Maria Cecilia Franca. São Paulo: Ática, 1993.

YAN, H. The role of L1 transfer on L2 and pedagogical implications. **Canadian Social Science**, v. 6, n. 3, p. 97-103, 2010.

Recebido em: 2 de julho de 2018.

Aceito em: 2 de setembro de 2019.